



## 11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

### EL PRESIDENTE

Autor(es)

---

GBRIBEIRO

Contos / Cricas

---

Título: El Presidente

Autor: Arthur Jordão

Ninguém acreditou quando o resultado saiu naquela noite de domingo. O novo presidente do Brasil era um candidato muito peculiar. Jovem, cabelos longos, ex-jogador de futebol, e que não falava o português. Mas, com um carisma incrível conquistou o povo brasileiro. Apesar de ter tudo pra ser argentino, dos cabelos longos ao sotaque inconfundível, ele era brasileiro nato.

Abraçado pelo destino, e pelas leis brasileiras, se tornou brasileiro, em condições muito peculiares. Armando era na prática, um argentino clássico. Tinha pais argentinos, cresceu envolto na cultura *hermana*, morava na Argentina e torcia loucamente pela seleção de Messi, esperando em 2014, poder comemorar o tão sonhado bicampeonato mundial. Mas tecnicamente era brasileiro nato, e isso era um fato inegável que iria acompanhá-lo pelo resto da vida.

Quando era um bebê, ainda no útero de sua mãe, seus pais retornavam de uma viagem à Europa, e mamãe, sentido desconforto com o voo, deu a luz prematuramente a Armando, em pleno ar. O pequeno nasceu quando a aeronave sobrevoava o Brasil e apesar do protesto de seu pai, o comandante foi impassível em confirmar a localização. Conforme registrado no diário de bordo, Armando nasceu as 21h03min do dia 30 de outubro. Neste horário, cruzando com o GPS da aeronave, foi constatado que o avião sobrevoava o Brasil. Estava, portanto em território brasileiro, em aeronave particular, com seus pais à passeio, e segundo a Constituição Brasileira, Armando, embora seus pais questionassem e nunca tivessem visitado o Brasil, era cidadão brasileiro nato, podendo usufruir de todos os direitos destes país. Certamente isso foi um golpe para seus pais, que tradicionalistas e à luz da velha rivalidade Brasil x Argentina, jamais desejavam ter um filho brasileiro,

Quando completou 18 anos, Armando, fortemente influenciado por seus pais, e com o auxílio de Perozza, técnico da seleção argentina sub-21, de futebol, naturalizou se argentino, obtendo a dupla cidadania. Perozza, amigo do pai de Armando, assim que ele obteve a naturalização argentina, o convocou para um jogo oficial na seleção sub-21. *“Su hijo puede ser brasileño, pero no voy a permitir que él juegue para el equipo nacional de Brasil algún día.”* disse ao pai do rapaz. Com essa manobra, Perozza eternizou para sempre a condição de Armando como jogador argentino, pois para a FIFA, uma vez que um jogador atuasse num jogo oficial de uma seleção, jamais pode jogar por outro país.

Armando, inquieto com essa sua condição, e de tanto ouvir seus pais falarem, resolveu abdicar de sua carreira no futebol prematuramente, e ir conhecer seu país de “origem”. Então, aos 23 anos embarcou rumo ao Brasil. Logo apaixonou-se pelo povo brasileiro e pelo país. E quase tão intensa quanto foi sua paixão pelo povo, sentiu o povo apaixonar-se por ele, de tal forma que decidiu não mais voltar. Estabeleceu residência definitiva no Brasil.

Carismático, inteligente e bonito, conquistou a simpatia de todos, e ganhou fama como o primeiro brasileiro argentino, ou o primeiro argentino brasileiro da história. Surpreendeu-se com a alegria e o calor das pessoas. Apesar das dificuldades, o povo tinha uma felicidade nata, adorava festas e tentava atropelar os problemas, levando a vida com naturalidade. Ele não entendia por que seus pais, e seu antigo técnico falavam tanto da rivalidade entre dois países, já que tinha sido muito bem recebido.

Então, vieram as ondas de protestos por todo país, e aquilo surpreendeu-o novamente. As pessoas, embora sobrevivessem com alegria, estavam cansadas de seus governantes. Armando, já tendo conquistado a nação, com reciprocidade, e tendo fincado raízes no país, após 10 anos de residência, pensou, por que não? Por que não se tornar político e ajudar essa gente. Aproveitando a visita do papa no Brasil, um cidadão argentino amado pelo povo, um partido adotou Armando e começou uma campanha para candidatá-lo a vereador. Ele foi eleito com uma ampla margem em relação aos demais candidatos.

O partido então resolveu dar um passo muito grande. Lançá-lo logo para presidente, argumentando que se o povo estava cansado dos

políticos brasileiros, Armando seria um novo tipo de brasileiro. De fato era no mínimo exótica a situação. Um característico argentino, mas brasileiro nato. O português mal falado e o sotaque inconfundível o delatavam. Muitas vezes, ele recorria a um interprete nas entrevistas e discursos, mas mesmo assim foi ganhando espaço e eleitores.

Desta forma, um país que elegeu um palhaço com mais de um milhão de votos, elegeu um brasileiro nato, mas argentino nas raízes, para o mais alto cargo da nação. Armando havia sido eleito presidente do Brasil. Um presidente brasileiro, com sotaque argentino. Com a aproximação da Copa do Mundo, sediada no Brasil, a situação começou a mudar, chegando inclusive a balançar Armando. Enquanto a Seleção Argentina se preparava e ele secretamente acompanhava. Embora brasileiro nato, e chefe maior da nação, seu coração era argentino e ele não conseguia deixar de torcer pela seleção do país de seus pais, e que tinha defendido na juventude. Diplomático, em público era neutro, e tomou a frente nos preparos finais dos últimos meses para a Copa. Mas na solidão de seu quarto, só queria saber de acompanhar a seleção argentina, e quando os críticos disseram que esta era a melhor seleção desde 1978, seu coração bateu mais forte, afinal, desde então, o povo argentino aguardava o bicampeonato.

A Seleção Argentina embarcou, faltando menos de 15 dias do início da Copa, em voo direto. Messi não seguiu junto, pois vinha direto da Europa, onde disputara um amistoso de última hora. Mas para tristeza total de Armando e do povo argentino, o avião com a seleção sofre um acidente e cai, matando toda a equipe e delegação.

O ocorrido causou grande tristeza no povo. A expectativa era enorme, pois a seleção argentina era uma das melhores da história e tinha muita chance de ser campeã. Não havia tempo para convocar novos jogadores, e nem havia estrutura para isso, pois a própria Federação Argentina estava abalada. Para tentar amenizar a dor do povo, a saída foi chamar a seleção sub-20, do técnico Perozza. Com autorização especial concedida pela FIFA, ela poderia disputar o mundial, e ainda contaria com o reforço de Messi. Para a surpresa geral, Perozza convidou Armando para defender o time. Ele conhecia o seu passado, sabia que ele foi um grande atacante, e podia auxiliar Messi, pois este, por mais genial que fosse, não conseguiria atuar sozinho no ataque deste time de garotos. Além disso, disse que seria interessante para sua imagem, pois se mostraria solidário com a situação. Ele disputaria somente os jogos da fase inicial, aonde não havia nenhum confronto contra o Brasil, pois era praticamente impossível a equipe argentina avançar para a segunda fase, já que estava disputando com equipes profissionais. Armando, aceitou, pois acreditou que poderia dar alegria a seus pais, e mostrar sua benevolência ao povo argentino e ao mundo depois desta tragédia. Por outro lado, não causaria nenhum problema com os brasileiros, pois não teria nenhuma disputa com a seleção canarinho.

Só que praticamente impossível, não é o mesmo que impossível. E a Seleção Argentina, extremamente motivada, pra surpresa de todos, passou para a segunda fase. E mais, Messi, como capitão, e Armando, como seu fiel escudeiro, foram eleitos pela imprensa esportiva a maior dupla de ataque desde a conquista da única copa, de 1978. Com isso, desenvolveram grande empatia não só nos gramados, mas também fora dele, tornando-se grandes amigos.

Armando sentiu o amor e a euforia tomarem conta do seu coração, e continuou junto com o time, dando assistência com passes milimétricos para a conclusão de Messi, e também fazendo alguns gols, 4 pra ser exato, todos de falta, sua grande especialidade. Mas aí o inesperado ocorreu. O time argentino, diante de brasileiros, argentinos e um mundo extasiado, foi derrubando os adversários um a um, e chegou à final da Copa do Mundo! E o adversário não poderia ser outro. A Seleção Brasileira, jogando em casa, também foi amassando seus adversários, e estava na final. O duelo seria dentro do Maracanã. Uma final inédita na história das copas. E o que faria Armando? O povo argentino, que o tinha como cidadão, pressionava. Eles sabiam que ele era importante para a conquista do mundial. Sem ele, o time não teria o mesmo rendimento. O que mais pesou, contudo, foi a ligação de seus pais, poucos dias antes da final. Eles nunca o aceitaram como brasileiro e esperavam que jogasse essa final para que se redimisse. Então Armando sensibilizado por seus pais, ainda sofrendo o luto da seleção argentina, e com seu coração tomado pelo amor ao país onde cresceu, decidiu entrar em campo.

O jogo começou truncado. 90 mil pessoas no estádio, e milhões e milhões no mundo, assistiam angustiadas pelo jogo. Armando sentia se incomodado. Não tinha a mesma eficiência de antes, e sem ele Messi também não tinha o mesmo rendimento.

A Seleção Brasileira também não conseguia jogar. Era difícil para os jogadores brasileiros assimilarem aquela situação. Estavam jogando, pela primeira vez na história, uma final de Copa do Mundo contra a Argentina, e ao mesmo tempo, contra seu próprio presidente.

Primeiro tempo termina. Zero a zero. Fim do segundo tempo. Ainda zero a zero. Então começa a prorrogação. Os jogadores estão exaustos.

Faltando um minuto pro fim do segundo tempo da prorrogação, Messi parecia ter recebido uma inspiração. Disparou com a bola, pela esquerda, e quando ia entrar na grande área, recebeu um duro carrinho de Daniel Alves. Falta pra argentina na entrada da grande área. Messi teve o tornozelo quebrado e berrava de dor chão. Seria fim de jogo pra ele. Enquanto saía de maca, ele tirou a faixa de capitão, entregou para Armando, e com os olhos marejados, disse: “Hermano, yo confío en ti”.

A barreira brasileira se posicionou. Armando ajeitou a bola, praticamente na linha da grande área. O Maracanã estava em silêncio total.

O juiz autorizou a cobrança. Ele respirou fundo, correu pra a bola e chutou. Ela partiu rumo ao gol, pegou um efeito, passou raspando a cabeça de Neymar na barreira, e seguiu girando. A torcida brasileira não respirava. A argentina não acreditava.

A bola continuou seu caminho. O goleiro Júlio César saltou desesperado, esticando o braço o máximo que pode. Tamanho era o silêncio no Maraca, que deu para ouvir o resvalar da bola nos dedos de Júlio César. Mas o toque não foi suficiente para desviar trajetória. Golaço da Argentina, no ângulo, no ultimo minuto do segundo tempo da prorrogação.

O povo brasileiro não acreditava na situação surreal que estava vivenciando. O Presidente da República Federativa do Brasil, jogando pela Argentina, havia marcado um gol, no último minuto de jogo de uma final da Copa do Mundo contra o Brasil. E em pleno

---

Maracanã lotado.

Armando também parecia não acreditar. Ficou alguns segundos calado, enquanto os companheiros corriam em sua direção. Mas aí, argentino é argentino, e brasileiro é brasileiro. Ele cresceu dentro da cultura argentina, e foi agarrado pelo braço da legislação brasileira sem sua vontade. Por mais que amasse o povo do Brasil, lá no fundo ele era argentino. E essa condição emergiu dentro de si, e explodiu num altíssimo grito de gol.

O juiz nem teve coragem de reiniciar a partida, uma vez que o relógio zerou durante a comemoração. Dali em diante, foi só alegria para Armando e seus companheiros. Volta olímpica, pose para fotos, técnico sendo jogado para o alto, e claro, a taça sendo levantada por ele mesmo, já que ganhou a condição de capitão com a contusão de Messi.

Vitória da Argentina contra o Brasil em pleno Maracanã era demais para o povo. E ainda mais com gol do presidente! Cabisbaixa, a torcida aos poucos foi deixando o estádio. O povo em todo o canto do país não conseguia assimilar aquilo. O golpe foi tão forte, que nem força pra protestar tinham.

Já para Armando, não havia outro jeito. Ele teve que sair escoltado, embora dificilmente alguém tivesse forças para atacá-lo, e voltou, junto com a sua delegação direto pra Argentina. Nunca mais pisaria no Brasil novamente.

E o Brasil, enquanto nação, como ficou? Bem, o vice assumiu, um tal de Sarney. Não o pai, mas o filho. E a coisa não mudou muito, e parece que não vai mudar nesse quesito.

Já nós, brasileiros, seremos eternamente conhecidos como o país que gastou milhões de reais em estádios, para dar um bicampeonato mundial à Argentina, em nossa casa e com a ajuda de nosso próprio presidente. Fim.